

DA (IN)SUSTENTABILIDADE DO DESENVOLVIMENTO AO BEM VIVER: TRAVESSIAS EPISTEMOLÓGICAS RUMO A HORIZONTES DECOLONIAIS

Renata Amorim Almeida Fonseca¹

Yasmin Xavier Guimarães Nasri²

Marta de Azevedo Irving³

Grupo de Trabalho: GT 6 Quijano, Fannon e Dandara dos Palmares - O pensamento decolonial e outras epistemologias.

Palavras-chave: Colonialidade. Crise. Sociedade. Natureza.

INTRODUÇÃO

A crise civilizatória traduz uma profunda desconexão entre os elementos humanos e não humanos que compõem o sistema terrestre, em razão da ruptura entre sociedade e natureza, que caracteriza os modos de existência modernos e desconsidera a complexidade das dimensões sociocultural, sacra, ética e política que estão no cerne da vida contemporânea (LEFF, 2006; BOFF, 2009; GUDYNAS, 2019; SCARANO, 2019).

Essa disjunção da realidade, associada, sobretudo, a uma crise de percepção de mundo, negligencia a complexidade sistêmica que o caracteriza, e tende a destituir do processo, valores socioculturais e identitários, individuais e coletivos, bem como elimina a pluralidade de experiências, cosmovisões e formas organizativas dos distintos grupos humanos, em seus territórios. A cisão entre sociedade e natureza está na origem de colapsos climáticos e ecológicos, sendo esses alguns de seus principais desdobramentos (KRENAK, 2019). E, nesse caso, a crise de saúde pública relacionada à *Pandemia do COVID-19* representa um importante alerta que ilumina esse debate (SANTOS, 2020).

Por essa razão, os esforços direcionados, há várias décadas, à discussão sobre sustentabilidade, no plano global, ilustram que a construção de pactos globais, muitas vezes conjecturados no âmbito de grupos restritos com poder de decisão, não garantem, necessariamente, uma reflexão crítica mais ampla e aprofundada sobre o sistema socioeconômico que vem orientando os modos de vida, na atualidade (IRVING, 2014). Nesse sentido, é importante considerar, também que, embora a pactuação de acordos internacionais possa inspirar políticas públicas nacionais com o enfoque desejado, essas raramente têm rebatimentos diretos que dialoguem com as dinâmicas locais, sobretudo, quando envolvem saberes e modos de vida das comunidades e dos povos tradicionais.

Frente ao panorama brevemente apresentado e, no contexto do novo constitucionalismo latino americano, emerge a noção do *Bem Viver* que, ao incorporar as pautas das lutas dos movimentos sociais indígenas e tradicionais, parte de uma outra leitura sobre a natureza, entendida, nesse caso, como um ser vivo e, sobretudo, como sujeito de direitos (GUDYNAS, 2019; ACOSTA, 2016). Mais do que uma proposta de modelo alternativo aos padrões vigentes de desenvolvimento, o paradigma biocêntrico do *Bem Viver* incorpora saberes e práticas dos povos tradicionais, se baseando em uma outra via de relação com a natureza, essa interpretada como a “Mãe Terra” ou “*Pachamama*” (WALSH, 2010; ALCÂNTARA & SAMPAIO, 2020).

¹ Doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/IP/UFRJ). Bolsista CAPES. biol.renata@gmail.com

² Doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS/IP/UFRJ). Bolsista CAPES. yasmin.nasri@hotmail.com

³ Orientadora da pesquisa. Professora titular do Programa EICOS/IP/UFRJ e PPED/IE/UFRJ. Bolsista de Produtividade CNPq e Pesquisadora Sênior do INCT-PPED/CNPq. marta.irving@mls.com.br

Tendo esses antecedentes como ponto de partida, o presente ensaio busca delinear caminhos possíveis para uma travessia epistemológica, ao interpretar as narrativas hegemônicas que vem caracterizando o debate sobre desenvolvimento, em contraposição às narrativas emergentes vinculadas ao *Bem Viver*. Desse modo, pretende-se contribuir para o aprofundamento da reflexão sobre esse campo epistemológico fronteiriço, entre a perspectiva dos conhecimentos técnicos-científicos que caracterizaram a modernidade e, a leitura decolonial, baseada em uma nova ética do desenvolvimento, centrada no reconhecimento de saberes e modos de vida tradicionais.

A importância desse debate resulta da urgência de ruptura, com relação a uma via epistemológica historicamente dominante, caracterizada pelo reducionismo, pela fragmentação e dicotomização da realidade que tem fundamentado a modernidade, para se pensar em outras possibilidades ontológicas de compreensão da realidade, que considerem a complexidade, multidimensionalidade e, as incertezas inerentes aos sistemas vivos (MORIN & KERN, 1995; WALSH, 2010).

METODOLOGIA

Para se alcançar o objetivo proposto e direcionar os esforços dessa travessia epistemológica, o percurso teórico-metodológico para subsidiar esse ensaio envolveu levantamento e análise bibliográfica, a partir da busca de artigos e livros, considerando as palavras-chave “modernidade”, “colonialidade”, “descolonização”, “sustentabilidade” e “*Bem Viver*”, na plataforma de *Periódicos CAPES*, com o intuito de se buscar apreender as nuances expressas nas narrativas que compõem a literatura especializada sobre o tema. Essas referências foram posteriormente analisadas, por uma adaptação da técnica de *Análise de Conteúdo* (BARDIN, 2016), considerada como um recurso metodológico que permite a ordenação temática dos eixos teóricos, por meio de temas focais de análise.

Com base no percurso teórico-metodológico descrito, o conteúdo da literatura especializada foi sistematizado em doze temas focais de análise, considerados como os mais recorrentes na base bibliográfica mapeada. Os eixos em questão envolveram as seguintes dimensões de análise: a) do conhecimento; b) ambiental, c) sociocultural, d) econômica, e) espiritual, f) ancestral/intergeracional, g) jurídica, h) política, i) ética, j) agrícola, k) territorial; e l) filosófica.

É importante considerar, no entanto, que esses eixos temáticos foram estabelecidos apenas para facilitar, pedagogicamente, a compreensão dos resultados obtidos, uma vez que parte-se do pressuposto que, essas múltiplas dimensões estão integradas no cotidiano de diferentes grupos sociais, no contexto da produção e reprodução da vida, conforme se discute na seção seguinte, a partir dos resultados obtidos na pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme o percurso teórico-metodológico descrito, o conteúdo da literatura especializada foi sistematizado nos doze temas focais de análise, segundo a sistematização apresentada no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1. Matriz-síntese sobre as narrativas modernas hegemônicas e as narrativas decoloniais do *Bem Viver*.

DIMENSÃO	NARRATIVAS MODERNAS	NARRATIVAS DO BEM VIVER
Conhecimento	Objetivação, imparcialidade, simplificação, distanciamento entre cognição e afeto Separação entre razão e emoção, mente e corpo Valorização dos métodos técnicos e científicos Apreensão da realidade e do conhecimento pela manipulação, experimentação e comprovação	Subjetivação, implicação, complexificação, aproximação entre cognição e afeto Integração entre razão e emoção, mente e corpo Valorização dos métodos empíricos, saberes tradicionais, intergeracionais, ancestrais e sacros Reconhecimento dos diferentes modos de apreender e conhecer a realidade
Ambiental	Cisão entre sociedade e natureza Valorização das construções e inovações antrópicas em detrimento dos bens naturais	Conexão entre sociedade e natureza Valorização dos bens naturais preservados e do sentido de pertencimento à natureza
Social/Cultural	Ênfase na dinâmica urbana-industrial, baseada em construções verticais, com pavimentação e impermeabilização do solo Supremacia da cultura ocidental eurocêntrica	Ênfase nas ocupações rurais e peri-urbanas, baseadas em construções horizontais e em menores intervenções na natureza Reconhecimento, resgate e valorização das diversidades socioculturais, sobretudo, as dos povos e populações originários, dos povos trazidos de África e migrantes
Econômica	Sistema capitalista, competitivo, baseado na produção e consumo excessivos e centrado na acumulação de lucro para grupos restritos	Sistemas econômicos solidários, circulares, locais e diversificados, com moedas próprias que buscam valorizar a produção regional e incentivar o compartilhamento
Espiritual	Monoteísmo Disciplina do ser e desencantamento de elementos não humanos	Politeísmo Pluralidade de crenças, rituais sagrados e elementos místicos
Ancestral/Intergeracional	Desvalorização dos conhecimentos ancestrais e desenvolvimentos de técnicas reprodutíveis	Valorização dos conhecimentos ancestrais e reedição de práticas contextualizadas
Jurídica	Entendimento do ser humano como único sujeito de direitos	Entendimento da natureza e dos elementos não humanos também como sujeitos de direitos, como no caso da nova Constituição do Equador
Política	Centralização do poder e da tomada de decisão, a partir da democracia representativa	Descentralização do poder, com participação direta dos saberes populares na elaboração de políticas públicas, como no caso da plurinacionalidade, incorporada na nova Constituição da Bolívia
Ética	Antropocêntrica, baseada no sistema de competição	Biocêntrica, baseada no sistema de integração e cooperação
Agrícola	Agronegócio Priorização dos mercados, das cadeias longas de produção e consumo e da distribuição centralizada de alimentos (CEASA) Monocultura, produção extensiva, com uso de insumos agroquímicos	Agroecologia Priorização da segurança e da soberania alimentar, das cadeias curtas de produção e consumo, a partir de arranjos produtivos locais e regionais Policultura, produção intensiva, com uso de insumos biológicos e práticas permaculturais que buscam a manutenção dos sistemas agrícolas em médio e longo prazos
Territorial	Propriedade privada, especulação imobiliária e processos de gentrificação	Organização comunitária e compartilhamento de saberes e práticas desenvolvidos no território existencial
Filosófica	Bem-estar baseado em índices quantitativos e objetivos de desenvolvimento, sentido de felicidade individual, narcisismo e egoísmo	Bem-estar, baseado em índices qualitativos e subjetivos, felicidade e qualidade de vida coletiva, associativismos e redes de solidariedade

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020), com base em Quijano (2005), Walsh (2010), Santos (2015), Scarano (2019), Krenak (2019), Gudynas (2019), Alcântara e Sampaio (2020).

Considerando o conteúdo sistematizado no Quadro 1, pode-se apreender que as narrativas sobre desenvolvimento predominantes na modernidade, tendem a fragmentar a realidade ao separar razão e emoção, corpo e mente, sociedade e natureza, além de privilegiar um modo de existência individualista e competitivo, desconsiderando a complexidade que caracteriza a realidade contemporânea. Por outro lado, as narrativas do *Bem Viver*, expressas pela perspectiva decolonial latino-americana, não são marcadas pelo dualismo e, por isso, traduzem outras possibilidades de leitura da realidade, por uma via analítica mais sistêmica e integrada. Por conseguinte, essa perspectiva se revela promissora na tradução da realidade latinoamericana, ao reconhecer o sentido coletivo de pertencimento a uma comunidade planetária diversa e ampliada, sinalizando, desse modo, uma via potencial para as mudanças necessárias para a superação da condição contemporânea de *policrises* (MORIN & KERN, 1995; 2011; LEFF, 2006; ACOSTA, 2016).

Nesse sentido, é importante que se compreenda que a *policrise* que caracteriza a contemporaneidade, não poderá ser superada a partir da mesma racionalidade que esteve em sua origem. Se a colonialidade funda a modernidade, marcando profundamente as dimensões da vida humana e não humana, especialmente, no contexto latino-americano, a superação da crise civilizatória deve, necessariamente, passar pela decolonialidade dos imaginários individual e coletivo, construídos em torno da noção equivocada de desenvolvimento. Se pressupõe, para tanto, o reconhecimento e a valorização de outros modos de saber e existir em sociedade, não inscritos na lógica da racionalidade moderna, tendo em vista que foram, justamente, as perspectivas coloniais-modernas que desencadearam as crises associadas à insustentabilidade do sistema socioeconômico vigente (QUIJANO, 2005; CASTRO-GÓMEZ & GROSGOUEL, 2007; MALDONADO-TORRES, 2016).

No entanto, mais do que marcar distinções paradigmáticas e contraposições dicotômicas entre uma e outra perspectiva, se buscou com esse breve ensaio teórico delinear, preliminarmente, algumas nuances interpretativas relativas às narrativas sobre o desenvolvimento, no sentido de argumentar a favor da necessidade de uma travessia epistemológica, em um horizonte necessário de metamorfose civilizacional (MORIN, 2011). Isso só poderá acontecer, se forem asseguradas, como condição basilar da transformação, oportunidades de protagonismo de grupos sociais que foram, historicamente, invisibilizados nesse debate, estimulando a capacidade coletiva de re-imaginar e recriar modos de existência plurais, na atualidade (BOFF, 2009; MORIN, 2011; SANTOS, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio foi inspirado pelo paradigma do *Bem Viver* e buscou contribuir para delinear, preliminarmente, argumentos no sentido de uma travessia epistemológica necessária, rumo a horizontes decoloniais de interpretação da realidade, na contemporaneidade.

Tendo por pressuposto o reconhecimento da *policrise* civilizatória contemporânea, foi possível, a partir da análise crítica das narrativas hegemônicas e contra hegemônicas em foco, reafirmar a necessidade de se repensar o desenvolvimento, à luz de novas epistemologias que assegurem a expressão das distintas formas de relação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com a natureza.

Considerando que toda narrativa traduz as distintas formas de ser e agir no mundo, novas epistemologias, inspiradas no reconhecimento da pluralidade de modos de existir em sociedade, se tornam portanto cada vez mais necessárias para decodificar a realidade, sobretudo, no contexto latino-americano, caracterizado por uma pulsante sociodiversidade e por inúmeras nuances de significados atribuídos à natureza, na conexão entre passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.
- ALCÂNTARA, L. C. S.; SAMPAIO, C. A. C. Indicadores de Bem Viver: pela valorização de identidades culturais. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Paraná, vol.53, p.78-101, jan./jun., 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/62963/40559>> Acesso em: 05 de jul. de 2020.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Tradução de Luís Antero Pinheiro. São Paulo: Edições 70. 2016. 276p.
- BOFF, L. **A opção Terra** - a solução para Terra não cai do céu. Editora Record. 2009. 222p.
- CASTRO-GÓMEZ, S. & GROSGOUEL, R. (Orgs). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007.
- GUDYNAS, E. **Direitos da Natureza**: Ética biocêntrica e políticas ambientais. Tradução de Igor Ojeda. 1ª Ed. São Paulo: Editora Elefante. 2019. 340p.
- IRVING, M. A. Sustentabilidade e o futuro que não queremos: polissemias, controvérsias e a construção de sociedades sustentáveis. **Revista Sinais Sociais**, vol.29, nº26, p.13-38, set./dez., 2014. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/488930ad-0522-4b49-bb6f-43d2aae234c5/Revista_SSociais_26web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=488930ad-0522-4b49-bb6f-43d2aae234c5> Acesso em: 05 de jul. de 2020.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras. 2019. 85p.
- LEFF, E. **Racionalidade Ambiental**: a reapropriação social da natureza. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- MALDONADO-TORRES, N. **Transdisciplinaridade e decolonialidade**. Sociedade e Estado, vol.31 no.1 Brasília Jan./Apr, 2016.
- MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.
- _____. **Rumo ao abismo?** - Ensaio sobre o destino da humanidade: Ensaio sobre o destino da humanidade. Bertrand Brasil. 2011. 192p.
- QUIJANO, A. **Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina**. Revista de Estudos Avançados, v.19, nº55, 2005.
- SANTOS, A. B. **Colonização, quilombos**: modos e significações. Brasília: INCT. 2015. 151p.
- SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. 1ª Ed. Coimbra: Editora Almedina. S.A. 2020. 32p.
- SCARANO, F. R. **Regenerantes de Gaia**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Dantes Editora. 2019. 128p.
- WALSH, C. Desenvolvimento como Buen Vivir: acordos institucionais e (des)envolvimentos coloniais. **Desenvolvimento**, vol. 53, nº1, p.15-21, 2010.